

Camelot Elétrica: um economista visita a corte do Rei Arthur*

Electric Camelot: an economist visits King Arthur's court

Rafael Galvão de Almeida**

Resumo: Mark Twain escreveu a novela *A Connecticut yankee in King Arthur's court* (1889) como uma forma de refletir sobre as mudanças que ocorriam nos Estados Unidos da assim chamada “Era Dourada”. O livro conta a história de Hank Morgan, um engenheiro que foi parar na Inglaterra do século VI, quando o Rei Arthur liderava os Cavaleiros da Távola Redonda, em Camelot. Hank tenta industrializar a Inglaterra doze séculos antes, usando seus conhecimentos de tecnologia, economia política e cultura. Porém, seu projeto de Camelot Elétrica sofre inúmeros reveses e falha. A novela é relevante para economistas porque lida com vários tópicos de interesse, tais como empreendedorismo e desenvolvimento econômico. A literatura sobre a “síndrome do economista visitante” – termo criado por Albert Hirschman – identifica inúmeros problemas no processo de fomento ao desenvolvimento de um país devido a uma série de fatores, incluindo até mesmo arrogância e ingenuidade dos modelos econômicos, mas que estão presentes quando se lida com contextos diferentes. Argumenta-se que esses problemas foram discutidos por Mark Twain, que tinha interesse na nascente economia neoclássica, na novela em questão. Apesar de Hank ser um engenheiro, sua trajetória é semelhante à de um economista visitante. Assim, o livro é uma ferramenta para explorar, por meio da ficção, problemas e desafios do desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: Mark Twain. Economia e literatura. Desenvolvimento econômico. Economistas visitantes. Albert Hirschman. Ciclo arturiano.

Abstract: Mark Twain wrote the novel *A Connecticut yankee in King Arthur's court* (1889) as a way to reflect on the changes happening in the so called “Gilded Age” of the United States. The book tells the story of Hank Morgan, an engineer who

* Submissão: 04/08/2021 | Aprovação: 22/02/2022 | DOI: 10.29182/hehe.v25i2.827

Este trabalho também foi apresentado no XIV Congresso Brasileiro de História Econômica e 15ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2021. Agradeço ao Grupo de Estudos de História do Pensamento Econômico da UFMG pelos comentários, especialmente a Marcos Tarocco Resende por perceber a similaridade entre ideias de Mark Twain e Celso Furtado..

** Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil | ORCID: 0000-0002-3582-9906 | E-mail: rg1605@gmail.com



Esta publicação está licenciada sob os termos de
Creative Commons Atribuição-Não Comercial
4.0 Internacional

found himself in the 6th century England, when King Arthur led the Knights of the Round Table in Camelot. Hank tries to industrialize England twelve centuries before, using his knowledge of technology, political economy and culture. His project of an Electric Camelot, however, suffers many problems and fails. The novel is relevant for economists because it deals with many topics of interest, such as entrepreneurship and economic development. The literature in the “visiting economist syndrome” – term created by Albert Hirschman – identifies many problems in the development aid process of a country due to a series of factors, including even arrogance and naivety of the economic models, but that are present when dealing with different contexts. It is argued that these problems have been discussed by Mark Twain, who had interest in the nascent neoclassical economics, in the referred novel. In spite of Hank being an engineer, his trajectory resembles a visiting economist. Thus, the novel is a tool to explore problems and challenges of economic development through fiction.

Keywords: Mark Twain. Economics and literature. Economic development. Visiting economists. Albert Hirschman. Arthurian cycle.

JEL: B25. F54. O19. Z11.

“Toda grande invenção toma o sustento de 50.000 homens – e em dez anos cria o sustento para meio milhão.”

Mark Twain (1888)

Introdução: a Era Dourada

O período após a Guerra Civil foi decisivo para os Estados Unidos. O Sul do país precisava ser reconstruído após sua derrota. Além disso, a expansão para o Oeste continuava, com a expansão da malha ferroviária, dos mercados internos, aumento dos salários e da imigração, e difusão da tecnologia. Lares que nunca tinham visto nenhuma luz à noite a não ser da lua e do fogo viram instaladas lâmpadas elétricas. Serviços de telégrafo conectavam Nova York a Los Angeles, permitindo em instantes a troca de mensagens que antes levaria semanas. A principal narrativa era de que eletricidade e vapor eram “servos” do progresso (Lieberman, 2010).

Assim como todo o mundo, os Estados Unidos estavam se transformando. E isso não deixou de gerar ansiedade na população americana. A figura do “Lar” (*Home*) americano foi sendo cultivada no século XIX e alcançou sua maior influência durante o último quartel do século. A imagem do pai de família como o protetor do lar, um homem pio e trabalhador que construiu um lar para viver dignamente com sua esposa e seus filhos, tornou-se o sonho padrão do americano médio, transcendendo as fronteiras de raça e religião. Portanto, a mudança brusca causada pelo progresso era também vista como suspeita. Muitos viam que a “destruição criativa” ameaçava essa ideia de “Lar” americano, assim como os *robber barons*, grandes industriais ambiciosos e corruptos, que tinham o poder de impor contratos de trabalho desfavoráveis aos trabalhadores (White, 2017). A urbanização descontrolada fez com que a expectativa de vida nos Estados Unidos caísse a níveis anteriores à Guerra Civil (Costa, 2015; White, 2017). A ideia de Destino Manifesto, que surgiu após a guerra com o México (1846–1848), deu início ao imperialismo americano, com a anexação de Filipinas, Havaí e Porto Rico (Kinzer, 2017).

Nada iria voltar ao normal. Historiadores posteriormente denominaram esse período de *Gilded Age* – a Era Dourada (White, 2017). O termo é emprestado de um romance de Mark Twain (1835–1910, nascido Samuel Clemens), escrito com Charles Dudley Warner, intitulado *The Gilded Age: a tale of today* (*A Era Dourada: um conto de hoje*), publicado em 1873 (Twain; Warner, 1873). O romance foi uma sátira de uma sociedade materialista. Quando

comparado às outras obras de Twain, porém, ele é obscuro. Mark Twain se tornou o Lincoln da literatura americana exatamente pela qualidade de sua prosa e a sua capacidade de retratar as ansiedades, medos e esperanças da Era Dourada (Kaplan, 2003).

Entre essas obras está *A Connecticut yankee in King Arthur's court*, publicado em 1889, traduzido como *Um ianque de Connecticut na corte do Rei Arthur*.¹ No enredo, Hank Morgan, engenheiro de formação, “um ianque entre ianques”, relata um conto fantástico, ao ser transportado para o século VI, quando o Rei Arthur liderava os cavaleiros da Távola Redonda em Camelot. Hank conta como ele escapou da execução e usou seus conhecimentos científicos e econômicos para tentar industrializar a Inglaterra, doze séculos antes. Ele fundou escolas, fábricas, uma nova moeda, introduziu novos costumes, desmascarou superstições, mudou as instituições quase que da noite para o dia. Mesmo assim, ele não conseguiu impedir a morte do rei e a destruição de seu projeto.

Por retratar uma revolução industrial abortada, o título desperta o interesse potencial de economistas, historiadores econômicos e estudantes do desenvolvimento econômico. Em muitos lugares dos Estados Unidos, a mudança foi tão “mágica” quanto para os camponeses da novela. A Era Dourada também foi o período em que a teoria neoclássica começou a se espalhar pelos departamentos de economia da Europa e dos Estados Unidos, e Twain via com simpatia o projeto neoclássico (Seybold, 2015). *A Connecticut yankee in King Arthur's court* (doravante *Yankee*) também demonstra noções de mercados futuros, salários reais *vs.* salários nominais e teoria da inflação via demanda por meio de sua prosa (Van Belle, 1976). Não somente isso, mas ao enfatizar a diferença entre o “treinamento” de Hank e o dos ingleses, Twain também tocou em noções de economia institucional. Assim como economistas, desde o período clássico, veem Robinson Crusoe como uma ilustração econômica (Grapard; Hewison, 2011), Hank Morgan também pode ser visto como um vetor de aplicação pedagógica da teoria econômica (Scahill, 1998).

Porém, Twain não era conhecido por seus panegíricos. *Yankee* não indulge as fantasias de seus leitores, nem é uma celebração do espírito iluminista da revolução científica. Pelo contrário, as virtudes e falhas de Hank são postas à prova de forma satírica. Hank toma o “fardo do homem branco”²

¹ Existe uma tradução completa, publicada em 1961, que está fora de edição (Twain, [1889] 1961). Existe também uma versão simplificada em português voltada ao público infanto-juvenil (Twain; Cabral, 2011).

² Referência ao poema de Rudyard Kipling, “The white man's burden”, adotado por Easterly como o tí-

para trazer o evangelho do progresso ao “índio branco” da Inglaterra arturiana. Essas provas se assemelham bastante àquelas que economistas são forçados a encarar quando são enviados para outros países em missões internacionais.

Por esse motivo, Hank Morgan e sua revolução industrial abortada são objetos de interesse. Estudar *Yankee* é uma forma de entender as transformações nos Estados Unidos durante a Era Dourada, o papel da ciência e tecnologia no processo produtivo e as contradições do desenvolvimento econômico. Assim como Hank, economistas uma vez acreditavam que podiam transformar outros países em potências a partir do nada. E, assim como Hank, viram seus projetos serem frustrados, muitas vezes deixando seus alvos em situações até piores. Apesar de Hank ser um engenheiro com noções avançadas de economia, ele foi acometido, no jargão de Albert Hirschman, pela “síndrome do economista visitante” (Hirschman, 1984; Bianchi, 2011; Easterly, 2014; Lepenies, 2015).

Por isso, este artigo discute *Yankee* como uma novela que antecipou os problemas identificados na literatura sobre a síndrome do economista visitante. O artigo se divide em quatro partes além desta introdução. A primeira parte é uma sinopse da novela e de sua repercussão. A segunda parte analisa a figura do economista visitante e de sua síndrome. A terceira parte analisa as noções econômicas contidas em *Yankee* e Hank como um economista visitante. A quarta parte conclui afirmando *Yankee* como uma obra relevante para explorar, por meio da ficção, problemas estruturais e institucionais do processo de desenvolvimento econômico.

1. Sinopse da obra e repercussão: magia e ciência em outro mundo

Por ser uma obra obscura ao leitor de língua portuguesa, é proveitoso fazer uma sinopse. À exceção de Hank, Clarence e Sandy, todos os personagens nomeados fazem parte das histórias do Rei Arthur e a Távola Redonda, chamadas em seu conjunto de “Matéria de Bretanha”.³

tulo irônico de seu livro de 2006. Kipling escreveu o poema com o intuito de elogiar a intervenção americana nas Filipinas, algo que Twain criticou duramente (Twain, [1901] 2003). Ver Brantlinger (2007).

³ De acordo com Moura (2017), o primeiro registro de Arthur foi em uma crônica galesa escrita em 850, em que ele era apenas um líder que lutava contra os invasores do território galês. A evidência atual não nos permite confirmar a existência de um “Arthur histórico”. Chretien de Troyes e Thomas Malory construíram a versão mais conhecida da lenda entre os séculos XIII e XV, respectivamente, sendo que o último foi a principal fonte de Twain (Kaplan, 2003). Foi a partir deles que a lenda do rei Arthur se tornou parte fundamental da identidade cultural do Reino Unido e da Europa Ocidental. Isso explica os anacronismos

1.1 O conto da Camelot Elétrica

O livro abre com um escritor – Mark Twain, introduzido na obra por meio de um artifício literário – passeando pelos castelos de Warwick, Inglaterra, quando se depara com uma armadura que foi furada por um disparo de bala. Em princípio ele pensa que foi um ato de vandalismo até que um homem diz ter a resposta: ele fez o furo, estando presente no momento treze séculos atrás. Após despertar a curiosidade do escritor, o homem dá a ele seu diário.

A história começa propriamente com a introdução do referido homem: Hank Morgan, “um ianque entre ianques”. Ele é um engenheiro numa fábrica de munições em Connecticut, um homem culto com um conhecimento de ciências exatas e humanas acima da média. Se algo pode ser feito com solda e metal, ele pode fazer.

Durante uma discussão, ele é atingido na cabeça e desmaia. Quando acorda, vê-se embaixo de uma árvore e alguém, montado num cavalo e vestindo armadura, vai em sua direção com uma lança em punho. Hank fica assustado e sobe na árvore. O cavaleiro, identificado como Sir Kay, senescal do Rei Arthur, anuncia que o tomará como prisioneiro. Hank imagina que ele fugiu de um hospício e decide acompanhar o cavaleiro. Chegando ao castelo, Hank fica chocado ao saber que todos ao seu redor estão sãos e ele, de alguma forma, foi parar no ano 528.

Durante o banquete no qual Hank, junto com outros prisioneiros, aguarda julgamento, ele tem seu choque cultural: é um prisioneiro sem direito à misericórdia. Hank é sentenciado a morrer na fogueira em dois dias para satisfazer a honra de Sir Kay. Na prisão, a única pessoa disposta a conversar com ele é um pajem que ele chama de Clarence.

Lembrando-se de ter lido num almanaque que haveria um eclipse solar em dois dias, Hank pede a Clarence que passe uma mensagem ao rei: que ele era, na verdade, um mago poderoso e amaldiçoará o país com escuridão se não for libertado.

Ao invés de libertá-lo, as autoridades decidem adiantar a execução de Hank em um dia. O rei é instigado por Merlin, que percebe Hank como uma ameaça ao seu poder. Quando a fogueira começa a ser acesa, o eclipse

da novela – cavaleiros vestem armaduras de placas, uma tecnologia que não seria inventada até o século XV, por exemplo. *Yankee* ocorre no século VI apenas nominalmente e inclui todos os preconceitos que o século XIX tinha sobre a Baixa Idade Média. A lenda continua sendo (re)contada até hoje. Ver Pyle (2013) para uma coleção de histórias traduzidas da Matéria de Bretanha.

ocorre. Todo o povo se apavora e implora a Hank que retire sua maldição, incluindo o próprio Rei Arthur prometendo até metade do reino. Após o eclipse, o rei aceita os termos de Hank e o torna ministro, mandando Merlin para a mesma prisão em que ele ficou. Logo ele ganha a alcunha de Sir Boss.

Agora numa posição de poder, Hank decide usar seus conhecimentos de engenharia e cultura para avançar Camelot no tempo. Ele patrocina escolas e fábricas em locais discretos para não chamar a atenção de nobres conservadores e da Igreja Católica. Também toma Clarence como seu braço-direito e o ensina a ler.

Muito dessa parte é dedicada a aprofundar o choque cultural de Hank. Ele está perdido num lugar sem sabão, sem café, sem açúcar, sem as comodidades a que qualquer americano de classe média da década de 1880 pode ter acesso fácil. Não somente isso, mas também a própria ignorância do povo o oprime. A Igreja Católica governa a cultura da nação com piedade dúbia. Os nobres governam o povo com mão de ferro, mesmo com um rei benevolente tal como Arthur. O povo é ignorante e celebra a bota que o esmaga. O primeiro encontro de Hank com uma procissão de escravos muda completamente o tom do livro, de uma sátira leve para um drama histórico.

Enquanto isso, Hank decide criar a sua revolução industrial. A curto prazo, ele pretende introduzir conceitos modernos na Inglaterra, como higiene e educação. A médio prazo, ele pretende fazer com que suas invenções destronem o pensamento mágico da população, com a destruição da Torre de Merlin com explosivos e a restauração de uma fonte milagrosa por meio de engenharia. E, a longo prazo, ele pretende fundar a República da Inglaterra, uma nação guiada por lógica e raciocínio, ao invés de superstição.

Até isso acontecer, Hank continua executando suas funções de ministro. Entre elas está ouvir a população. Hank decide ouvir uma mulher que ele chama de Sandy. Sandy pede a ele que o acompanhe para resgatar princesas que foram sequestradas por três ogros. Esta também é uma oportunidade para ele conhecer melhor os locais distantes da capital, então ele coloca sua (extremamente desconfortável) armadura e segue caminho, guiado por Sandy em seu cavalo. Eles passam por vários lugares, incluindo o castelo de Morgana le Fay, conhecida por ser a principal vilã do ciclo arturiano. Hank usa sua autoridade como Sir Boss para escapar de seus caprichos.

Por fim, Hank chega ao destino que Sandy indicou: era um chiqueiro. As princesas eram na realidade porcos e os ogros eram as famílias donas deles. Quando Hank diz a Sandy a verdade, ela diz que isso foi obra mágica.

Vendo que não fazia sentido argumentar com ela, Hank diz a Sandy que ele estava sob o efeito de um feitiço. Após negociar a compra da vara, ele e Sandy conduzem as “princesas” para a segurança.

Preocupado com as constantes intromissões da Igreja Católica, Hank convence o rei a percorrer o reino incógnito. Disfarçados de camponeses, o rei tem a oportunidade de ver em primeira mão como o seu povo sofre. À primeira vista, ele tem dificuldade em aceitar, mas começa a mudar de ideia quando visitam uma cabana na qual os residentes foram acometidos por varíola e empobrecidos por impostos abusivos. O rei muda de ideia completamente quando ele e Hank são vendidos como escravos; ele pode finalmente ver que a escravidão é uma instituição miserável (especialmente porque Hank foi vendido por um preço maior que o rei).

Após uma rebelião de escravos, o rei e Hank são condenados à morte. Quando eles estão prestes a ser enforcados, Sir Lancelot aparece com um destacamento de cavaleiros em bicicletas para salvar o dia. Hank tinha conseguido telefonar para Clarence, avisando-o sobre sua situação, e os cavaleiros chegaram a tempo de os salvarem.

Em seguida, Hank é forçado a enfrentar Sir Sagramor nos jogos medievais. Inicialmente, ele derrota vários cavaleiros com seu laço de caubói, mas quando Merlin o surrupia, vê-se forçado a usar seus revólveres. Sagramor avança com espada em mãos para matar Hank, mas ele dispara um único tiro que faz com que o cavaleiro tombe. Outros cavaleiros decidem vingar Sir Sagramor e Hank derrota onze deles. Com isso, recuam e coroam Hank como o grande campeão dos jogos (o que foi conveniente para Hank, pois estava ficando sem munição). Assim, Hank determina o fim da cavalaria como instituição.

Após três anos, a Inglaterra mudou. A escravidão se foi, torres elétricas funcionam em toda a nação e um trem logo irá partir de Londres. Hank se casa com Sandy e eles têm uma filha, Hello-Central. Hank até organiza um jogo de beisebol entre os nobres.

Porém, após uma viagem ao continente, Hank encontra o reino sob interdito⁴ da Igreja Católica. Sendo um homem procurado, Hank se esconde até achar Clarence. Este diz que houve uma guerra civil na Távola Redonda e todos morreram, incluindo o rei. A Igreja assumiu o poder e seu interdito

⁴ O interdito é uma forma de punição na lei canônica da Igreja, que envolve a censura e a proibição de atividades a fim de que o punido retorne à legalidade (Matsunaga, 2007).

promulgou as obras de Hank como heresia. Toda a população, temendo a Igreja, obedece-a. Clarence afirma que apenas 52 adolescentes permanecem leais a Hank.

Sem tempo de contatar sua esposa e frustrado com a destruição do seu projeto, Hank decide reunir seus últimos seguidores numa fortaleza. Enquanto isso, Merlin, a Igreja Católica e o resto dos nobres montam um exército de 30 mil cavaleiros para eliminar Hank. Eles tentam invadir a fortaleza de Hank, mas são massacrados por sua tecnologia: cercas elétricas, inundações calculadas e metralhadoras. Milhares de cavaleiros morrem. Os corpos acumulados começam a apodrecer e acumular doenças.

Hank decide ver se sobrou alguém vivo. Quando decide estender a mão a um cavaleiro sobrevivente, este o golpeia. A ferida não é mortal, mas Hank fica incapacitado. O último capítulo do diário é escrito por Clarence, que mostra Hank se recuperando. Merlin, porém, disfarçado de camponesa, dá a Hank uma poção que o faz dormir por treze séculos, antes de se suicidar na cerca elétrica.

Por fim, Hank acorda após séculos e encontra o escritor no castelo. Quando o escritor visita Hank novamente depois de ler o seu diário, ele o encontra em um delírio, em que volta a Camelot com Sandy, Hello-Central e o Rei Arthur antes de expirar. Assim termina a história de Hank Morgan, Sir Boss, e sua Camelot Elétrica. Foi um delírio de um doente trágico ou realmente aconteceu dentro do universo da história? A resposta é deixada à imaginação do leitor.

1.2 Recepção e influência da obra na carreira de Twain

Apesar de não ser considerada uma das melhores novelas de Twain, existe uma vasta literatura sobre *Yankee*. De acordo com Kellenbach (2014), ela é a novela mais política de Twain. Mas, como escritor, Twain se vê na obrigação de contar uma história em primeiro lugar. Seu interesse na Matéria de Bretanha começou com suas visitas à Inglaterra e com sua admiração pela cultura inglesa.⁵ Ele se imaginava como um “cavaleiro errante com armadura”, mas logo pensava no quão desconfortável seria vestir a armadura o tempo todo, até imaginar uma batalha entre “cavaleiros medievais e um

⁵ Kaplan (2003) escreve que Twain considerava seu diploma de doutorado honorário da Universidade de Oxford, outorgado em 1907, como sua maior conquista na vida.

exército moderno equipado com metralhadoras” (Kaplan, 2003, p. 422, tradução nossa).

No total, Twain levou cinco anos para completar *Yankee*. Nesse ínterim, Twain estava absorvido em trabalho editorial com Charles Webster e investiu dezenas de milhares de dólares na máquina de escrever desenhada por James Paige, um modelo no qual ele acreditava que poderia fazer o trabalho de seis tipógrafos. No geral, Twain estava otimista quanto ao papel da tecnologia na civilização e do papel de empreendedores como Thomas Edison, cujo estúdio ele chegou a visitar em Nova York.

Apesar dessas distrações, *Yankee* foi publicado em outubro de 1889, ilustrado por Daniel Beard. Embora Twain tivesse boas expectativas, as vendas iniciais foram abaixo do esperado. Na primeira impressão, foram vendidas 32 mil cópias. A maioria das resenhas foi mista ou negativa, muitas até acusaram Twain de radicalismo. Na Grã-Bretanha, muitos ficaram ofendidos com a forma em que Twain retratou suas figuras folclóricas como tiranos e ignorantes – Merlin, que foi sempre retratado como uma figura heroica, é o principal vilão de *Yankee*, um velho fraudulento e mesquinho. Twain ficou frustrado e, junto com tragédias familiares e o fracasso da máquina Paige, isso o levou ao início do seu período mais cínico como autor até a sua morte em 1910.

Yankee tinha mais a ver com os Estados Unidos da década de 1880 do que com a Inglaterra do século VI. Embora Twain tivesse baseado a opressão descrita na novela nas relações de poder que ele observou em suas viagens ao Havaí no começo da carreira (Kaplan, 2003, p. 142), *Yankee* é “uma sátira do Novo Mundo” (Johnson, 2007, p. 54, tradução nossa). A trama é uma reedição das histórias do Velho Oeste, em que caubóis e índios são cavaleiros e camponeses (Davis, 2007).

As análises literárias de *Yankee* enfocam três principais temas: 1) o papel da tecnologia na sociedade (Royal, 2003; Lieberman, 2010; Gaiech, 2018), 2) o estudo da personagem Hank Morgan e de seu choque cultural com o treinamento/instituições dos ingleses (Fienberg, 1982; Kravitz, 2010; Wandler, 2010; Hasty, 2014; Kehlenbach, 2014); 3) e o imperialismo (Kim, 2006; Dobski Jr.; Kleinerman, 2007; Johnson, 2007; Wandler, 2010; Kinzer, 2017). Esses três temas também são relevantes aos economistas, pois são questões que fazem parte das discussões sobre o papel dos economistas na sociedade, incluindo os economistas visitantes.

2. Os cavaleiros da Távola Redonda da Rua H⁶

A ideia de economistas visitantes já era conhecida na época de Twain, com oficiais coloniais e nos “*money doctors*” (Flandreau, 2003). Hirschman (1965) identificou a visita do economista francês Jean Gustave Courcelle-Seneuil ao Chile, na década de 1850, como a primeira manifestação desse fenômeno na era moderna, embora seja possível identificar indícios de um projeto desse tipo nos escritos do Marquês de Condorcet, na década de 1790: “monges serão substituídos por homens ocupados em expandir nessas nações [sem o Iluminismo] as verdades úteis para sua felicidade” (Condorcet *apud* Lepenies, 2015, p. 1220, tradução nossa).

A figura do economista visitante veio a se popularizar após o fim da Segunda Guerra Mundial. No momento de sua fundação, o mandato econômico das Nações Unidas era o pleno emprego, mas conflitos sobre políticas econômicas e impopularidade do keynesianismo mudaram a situação. Durante o período de Dag Hammarskjöld como secretário-geral (1953-1961), as Nações Unidas adotaram o desenvolvimento econômico como seu novo mandato (Toye; Toye, 2006). Tal mudança também ocorreu no Banco Mundial: inicialmente fundado para financiar a reconstrução dos países europeus, foi forçado a reinventar sua missão para atrair recursos, focando-se no desenvolvimento econômico (Alacevich, 2011). O banco foi renomeado como Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento graças à insistência da delegação latino-americana em adicionar o último termo (Hudson, [1973] 2003).

Munidos de uma teoria econômica que pretendia descobrir as manivelas do desenvolvimento econômico, os economistas dessas instituições tinham por objetivo conquistar o desenvolvimento de países atrasados, assim como Hank pretendia modernizar a Inglaterra arturiana em alguns anos. Esses economistas tinham treinamento nas melhores faculdades americanas e motivação para mudar o mundo. Já entre 1949 e 1953, o Banco Mundial realizou onze missões, sendo que a primeira foi na Colômbia (Alacevich, 2011). Wolfgang Stolper, que dá nome ao teorema Stolper-Samuelson de comércio internacional, retratou sua missão à Nigéria como “a tarefa mais invejável que um homem pode ter” (Stolper *apud* Morgan, 2008, p. 2, tradução nossa). Eles buscavam também carta branca para suas ações, naquilo que Slobodian (2018) chamou de “direitos dos *xenos*”, outro ponto em comum

⁶ Endereço da sede do Banco Mundial, em Washington (<https://www.worldbank.org/en/about/contacts>).

entre Hank e os economistas visitantes. Essa ideia dá prioridade aos direitos dos investidores e economistas internacionais antes dos nativos de um país, a ponto de remover sua autodeterminação para o bom funcionamento da economia.

A ideia era de que economias subdesenvolvidas poderiam ser transformadas por meio de uma “estratégia de desenvolvimento” (Alacevich, 2011, p. 57). Essa euforia, porém, durou pouco. Tais estratégias não funcionaram, pelo menos não como os economistas visitantes supuseram, quando não eram fracassos completos (Hirschman, 1967). Muitas vezes os economistas visitantes não estavam preparados para as diferenças institucionais, ao abismo entre o modelo e a realidade. Hirschman (1984) deu o nome a esse conjunto de problemas de “síndrome do economista-visitante”.

As experiências de Hirschman na Colômbia foram importantes para o seu pensamento. Ele foi como economista do Banco Mundial, tendo Lauchlin Currie como líder (Alacevich, 2011; Álvarez; Guiot-Isaac; Hurtado, 2020). Com o início da Guerra Fria, as missões do Banco Mundial tinham o objetivo de convencer as nações das virtudes do capitalismo. A Colômbia era um lugar perfeito para isso, pois se o Banco Mundial restaurasse a democracia no país e trouxesse o desenvolvimento, seria evidência de que qualquer lugar poderia ser transformado dessa forma (Adelman, 2013). Morgan (2008) e Adelman (2013) também notam que os alvos de seus projetos recebiam esses economistas com entusiasmo, diferente da nobreza arturiana com Hank.

Currie era teoricamente o *expert* correto para a tarefa. Ele estudou com Jacob Viner, Joseph Schumpeter e Ralph Hawtrey em Harvard e ganhou poder político por participar do *New Deal*. Currie chegou a proclamar num discurso no Palacio de San Carlos, em 1950, que era necessário converter “um programa estrangeiro para a Colômbia para um programa colombiano para colombianos” (Álvarez et al., 2020, tradução nossa). Tal entusiasmo não durou. A “colombianização” do planejamento era impossível, pois os planos não levavam em conta a realidade colombiana.

Uma premissa da missão Currie era que apenas os *experts* estrangeiros podiam realmente entender o problema [do desenvolvimento econômico] porque eles estrangeiros e *experts*. Não era esperado dos colombianos entenderem isso por si mesmos porque, como diz a lógica circular, eles vieram de circunstâncias subdesenvolvidas. (Adelman, 2013, p. 307, tradução nossa)

Hirschman e Currie entraram em conflito, pois Currie acreditava que o papel do economista era iluminar conceitos econômicos a uma população ignorante e assim facilitar um “grande impulso” (Sandilands, 2018; Álvarez et al., 2020). Hirschman, por outro lado, buscava objetivos mais modestos e enfatizou a falta de controle, como se uma “mão oculta” estivesse por trás dos imprevistos (Hirschman, 1967, p. 12). Currie, porém, “gostava de grandes planos” e tendia a “criar animosidade entre o conselho [de planejamento] e o governo conservador” por seu alinhamento com os liberais (Adelman, 2013, p. 301, tradução nossa).

As relações entre Currie e o governo colombiano deterioraram após um golpe de Estado. O novo governo adotou uma postura contrária às recomendações do Banco Mundial e Currie se demitiu do conselho (Adelman, 2013). Currie e Hirschman eram como água e óleo. Em uma resenha de um livro sobre desenvolvimento de Currie, Hirschman ([1967] 2015) fez críticas duras a ele, considerando-o “desorganizado, mal escrito, repetitivo” e afirmando que as suas soluções ignoram problemas colombianos reais. Hirschman culpou a insistência de Currie em ignorar a reforma agrária em troca de um projeto de absorção da população agrária nas cidades (Hirschman, 1965).

Currie, na visão de Hirschman, era como Hank em vários sentidos: um idealista que queria transformar um país. Mas ele não era o único. Era uma tendência de longa data. Hirschman já identificou esses problemas na visita de Courcelle-Seneuil ao Chile, cuja devoção intransigente à tradição *laissez-faire* foi responsável por ignorar a realidade chilena e contribuir para os problemas estruturais do país, especialmente da dependência de recursos naturais (Hirschman, 1965).

William Easterly, que fez carreira ao denunciar como economistas tratam o processo de ajuda e desenvolvimento como tomar o “fardo do homem branco” (Easterly, 2001; 2006; 2014), nota que a adoção do termo “missão” demonstra “conotações de salvação religiosa” (Easterly, 2014). Economistas visitantes se tornam monges seculares, como Condorcet imaginou. Com seus modelos econômicos, eles realizam o sonho de Condorcet de uma “*mathématique sociale*”, capaz de resolver qualquer problema natural, político ou social com matemática rigorosa (Lepenies, 2015). Eles iriam levar o “evangelho do desenvolvimento” às nações carentes.

De forma semelhante aos escritos de Condorcet, Easterly (2014) nota que Gunnar Myrdal, um dos pais da teoria da política econômica, usou a expressão “engenharia social” para se referir ao processo de construção de

uma nação. Nesse contexto, o *expert* deve se despir da história e da tradição e criar uma nova sociedade a partir da lógica e do esforço, com planejamento matemático. Muitos dos relatórios apresentados na década de 1950 dão a impressão de que “os *experts* já encontraram todas as respostas aos problemas e que tudo o que é necessário é a ‘implementação’ fiel dessas múltiplas recomendações” (Hirschman, 1967, p. 21, tradução nossa).

Assim, mesmo que não seja essa a intenção, o *expert* era convidado a ver os que recebem sua ajuda como pessoas inferiores, inocentes como “índios” – de todas as nacionalidades não iluminadas, como os “índios brancos” de Hank –, para utilizar uma metáfora ultrapassada e condescendente, mas muito popular no passado por suas supostas boas intenções. Os economistas visitantes podem ignorar as instituições dos países em questão nos seus modelos, assim como Hank ignorou o “treinamento” da cavalaria, em que o seu conjunto de instituições era uma forma de lidar com os problemas daquela sociedade.

Até mesmo economistas mais céticos acabam por ser vítimas. Hirschman (1965) comenta que Courcelle-Seneuil tinha autoconsciência de seus limites, mas seus discípulos foram “mais reais que o rei” e promoveram políticas que pioraram os problemas chilenos de inflação e monoexportação, que ainda eram debatidos quando Hirschman escreveu – talvez um presságio do que teria acontecido caso Clarence e os outros tivessem sobrevivido na novela. Em sua missão a Gana, Dudley Seers e C. R. Ross acreditavam que estavam lidando “com uma forma estável e não complicada de organização econômica”. Arthur Lewis, que foi um dos arquitetos da mudança de mandato econômico nas Nações Unidas (Toye; Toye, 2006), via como a economia ganense, prestes a ganhar a independência, era diferente do que a teoria econômica usual previa (Ingham; Mosley, 2013, p. 148).⁷ Sua influência atingiu um limite quando, em resposta a uma longa carta crítica de Lewis, Kwame Nkrumah, arquiteto da independência, responde que “eu não posso seguir esses conselhos porque sou um político e devo apostar no futuro” (Nkrumah *apud* Ingham; Mosley, 2013, p. 160, tradução nossa).

Como apostar no futuro é um tema de grande discussão no Banco Mundial e em organismos semelhantes. Mas o que pode tornar economistas visitantes problemáticos é que muitos deles se tornam o que a literatura em filosofia das políticas públicas chama de “invasor epistêmico”, quando uma

⁷ Seers (1962), porém, reconheceu mais tarde os problemas apontados, tornando-se um dos primeiros economistas a discutir, em um periódico de alta circulação, o fracasso dos economistas visitantes.

agente falha em entender os limites de sua capacidade, aumentando as chances de incompetência moral (Juarez-Garcia, 2021). Esse foi o problema de Hank. Kehlenbach (2014, p. 103, tradução nossa) escreve, com uma pitada de mordacidade, “Hank não tem nenhuma experiência política ou mesmo qualquer entendimento real do sistema feudal no qual ele foi transportado, mas ele ainda se reserva ao direito de liderá-los”.

3. Hank Morgan e a experiência econômica

A síndrome do economista visitante não é o único tema econômico de *Yankee*. Embora alguns considerem que Mark Twain tinha pouco interesse pela economia (Wonham, 2017), outros veem seus escritos demonstrando intuições econômicas e interesse pela nascente economia neoclássica, até mesmo simpatia pelas doutrinas de mercado livre (Van Belle, 1977; Seybold, 2015). *Yankee* tem uma discussão didática sobre renda nominal e renda real no capítulo 33, intitulado “Economia política do século VI”. O interesse por economia também se refletia no seu trabalho como empresário, investindo no mercado editorial, em ações e em novas tecnologias (Kaplan, 2003).

Isso se reflete em Hank como “empreendedor visitante”. Como Fienberg (1982) argumentou, Hank usa suas habilidades para subir de posição social da forma que Schumpeter imaginou num excerto célebre:

Antes de tudo, há o sonho e o desejo de fundar um reino privado, e comumente, embora não necessariamente, também uma dinastia. O mundo moderno realmente não conhece nenhuma colocação desse tipo, mas o que pode ser alcançado pelo sucesso industrial ou comercial ainda é, para o homem moderno, a melhor maneira possível de se aproximar da nobreza medieval. (Schumpeter, [1934] 1997, p. 98)

No fim da novela, pode parecer que Hank se uniu à nobreza medieval ao organizar o jogo de beisebol, e estava prestes a fundar sua própria dinastia com Sandy. Ele até imagina que poderia espalhar o evangelho do progresso ao mundo. Porém, no momento em que seu benfeitor morre, ele é rejeitado pelas instituições vigentes e executa sua vingança.

Hank, porém, não está numa economia capitalista. Por isso, Fienberg (1982) argumenta que Fritz Redlich e sua teoria de empreendedor “demônico” explicam Hank melhor. Redlich, que foi colega de Schumpeter em Harvard, também foi um dos principais historiadores econômicos de seu

tempo, auxiliando a estabelecer a História de Empresas e o empreendedorismo como disciplinas acadêmicas (Poettinger, 2018). O empreendedor demônico é o empreendedor que se autodestrói com o sucesso, porque a inovação trazida com suas ideias de fato melhora o mundo com tecnologias que expandem as possibilidades de produção. Mas esse também é um processo em que o acúmulo de poder é inevitável, e quando o empreendedor alcança seu sucesso com uma grande empresa, ela requer que seu poder seja preservado com medidas anticompetitivas e anti-inovadoras (Redlich, 1953). Hank representou não somente uma revolução industrial abortada, mas também se tornou um *robber baron*. Ele detinha o controle da inovação e seu uso dependia de seus caprichos: “Quando Hank se sente magnânimo, suas invenções criam uma utopia; quando ele é ameaçado, ele recorre a espetáculos destrutivos.” (Lieberman, 2010, p. 73, tradução nossa).

Yankee é também uma história de como as esferas de inovação tecnológica e econômica estão intimamente ligadas, algo bastante reconhecido na literatura (Schumpeter, [1934] 1997). Com o fim dos torneios, os cavaleiros da Távola Redonda redirecionaram suas energias num mercado financeiro rudimentar, organizado por Hank. A criação da *miller gun* – um dispositivo de uso individual capaz de emitir moedas de chumbo para transações econômicas – é uma forma de política monetária, pois permite à população ter sempre dinheiro em mãos, seguindo a doutrina marginalista de pagar conforme o valor flutuante de mercado (Wonham, 2017).⁸

O tema da tecnologia é constante no livro. Hank via a tecnologia como uma forma de libertação do povo inglês. As suas inovações poderiam diminuir a distância entre o camponês e o nobre e dispersar superstições. A eletricidade é uma forma de iluminar tanto literal quanto metaforicamente, por isso estabelecer linhas de transmissão foi um dos principais objetivos de Hank (Lieberman, 2010). Mas muitos interpretam o fim da novela como uma forma de Twain demonstrar seu pessimismo e sua frustração com a promessa da tecnologia (Royal, 2003; Gaiech, 2018).

O retorno quase instantâneo da população à velha ordem demonstra que as inovações não se espalharam o suficiente pelo país, ficando restritas

⁸ Após notar que o FED só viria a ser fundado em 1913, Wonham (2017, p. 42, tradução nossa) escreve como Twain precedeu a ideia de política monetária: “[...] a estranha identificação da novela de uma forma monetizada de munição (uma bala de chumbo que serve como dinheiro) e uma moeda armada (dinheiro que serve como uma bala de chumbo) olha para um futuro no qual o controle feito pelo governo da oferta de moeda insula o grande capital dos choques cíclicos e das desvalorizações que afligiram a economia americana com regularidade devastadora antes do estabelecimento de um sistema bancário federal”.

apenas a uma elite ao redor da capital (Etzminger, 2007). Como Kravitz (2010) colocou, os camponeses apenas copiam os comportamentos do século XIX introduzidos por Hank, sem entendê-los.

Quase oito décadas após a publicação de *Yankee*, Celso Furtado (1974) observou o engano de economistas contemporâneos seus em assumir que a economia mundial copiará os padrões de consumo dos Estados Unidos. A incapacidade dos camponeses de entender a diferença entre renda real e renda nominal, por mais que Hank explique, é uma forma de demonstrar a tese de Furtado sobre o “mito do desenvolvimento econômico” como um problema estrutural – Hank não tinha como modificar toda a estrutura de Camelot sozinho. Para Easterly (2014), a tirania dos *experts* vem da “ilusão tecnocrática”, uma visão profundamente racista e colonizadora ao tratar o Resto⁹ como uma tábula rasa, cujos habitantes devem receber as bênçãos do povo ocidental, mais iluminado.

Tal tratamento da tecnologia como fomento ao progresso estava na pauta das políticas internacionais. Hirschman notou nos anos iniciais que o critério de seleção de projetos era ser uma “réplica pura de um projeto bem-sucedido de um país avançado” (Hirschman, [1967] 2015, p. 19, tradução nossa). No relatório *Measures for the economic development of under-developed countries* (1951), escrito por George Hakim, Alberto Batra Cortez, D. R. Gaggil, T. W. Schultz e W. Arthur Lewis, foi defendido o uso da tecnologia para dar um grande impulso aos países subdesenvolvidos. A transferência de tecnologia também era vista como uma forma do processo de *catching up*, devido à potencial alta produtividade marginal e ao baixo custo do trabalho nesses países (Toye; Toye, 2006). Tal previsão era perfeita no modelo.

A mera transferência tecnológica não deu resultados esperados, quando não era acompanhada de mudanças estruturais. Ao comentar o financiamento do Banco Mundial de uma fábrica de sapatos na Tanzânia, Easterly (2001) descreve como a fábrica tinha tecnologia de ponta em 1970, mas não conseguia produzir sapatos, pois não havia nem demanda nem infraestrutura para dar apoio à produção. Assim como Hank escrevia jornais para pessoas que não liam e fábricas produziam apetrechos que ainda pareciam mágicos à população, as missões dos economistas faziam algo muito similar: só aumentar a quantidade de capital físico e humano de um país não era suficiente.

⁹ Ele faz um trocadilho no original, entre *West* (o ocidente) e o *Rest* (resto) do mundo.

Isso também leva às análises de Hank em si. Seu *status* como um “indivíduo racionalmente democrata” dá a ele um desejo de ser superior aos outros (Kehlenbach, 2014, p. 100, tradução nossa). Como a novela mostra, o principal objetivo de Hank após sobreviver é mudar completamente a Inglaterra, já subentendido nas suas demandas ao rei. Ele buscou carta-branca para fazer o que achava que era necessário (ver “direitos dos *xenos*”, mencionados anteriormente), mas os seus verdadeiros motivos nunca são esclarecidos, a não ser seu Destino Manifesto pessoal (Lieberman, 2010). Hank prefere a Inglaterra a Connecticut porque em sua terra natal é apenas um trabalhador numa fábrica, enquanto que ele é a pessoa mais inteligente do mundo no século VI (Royal, 2003). Embora seus ideais democráticos o guiem, Hank não vê problemas em deixar que as coisas sigam seu curso. Ao longo da obra, culpa o “treinamento” dos ingleses pela crueldade dos nobres e a ignorância consentida dos camponeses, enquanto ele mesmo ignora que a cavalaria era uma instituição enraizada na sociedade (Hasty, 2014). Muitas vezes ele não se opõe a atos terríveis e até mesmo consente, enquanto impõe suas mudanças à força. Como Wandler (2010) e Hasty (2014) observam, Hank é um tirano e assassino “demônico”, mas ele faz isso em nome de valores democráticos e iluministas.

Mark Twain viria a ser conhecido como um crítico do imperialismo americano – chegando até a dizer que os missionários americanos na China eram extorsionários e que soldados americanos nas Filipinas estavam fazendo um “trabalho de bandidos”, propondo uma nova bandeira filipina, “com as listas brancas tingidas de preto e as estrelas substituídas pelo crânio e as tíbias cruzadas” (Twain, 1901, p. 83) –, e certos analistas veem *Yankee* como uma sátira do imperialismo (Wandler, 2010). Mas, como Johnson (2007) observou, Twain só seria mais crítico durante os anos finais da sua carreira, chegando a apoiar a guerra contra a Espanha e a intervenção em sociedades aborígenes opressivas. Na época, ele refletiu a opinião pública de que intervenções humanitárias eram necessárias (Kinzer, 2017).¹⁰ E muitos críticos veem organizações como o Banco Mundial servindo a esses mesmos interesses im-

¹⁰ “Na primavera de 1898, o meio-irmão de Twain o visitou [em Viena, onde viveu por um tempo], e ele reportou que quase todos os americanos consideravam a guerra em Cuba completamente justa. Twain concordou. Enfim, ele decidiu violar sua máxima ‘A maioria está sempre errada’. Afinal, o que poderia ser mais nobre do que liberar uma nação oprimida e abençoá-la com liberdade?” (Kinzer, 2017, p. 49, tradução nossa). Em 1900, quando ele retornou aos Estados Unidos, um repórter perguntou sobre os rumores de que ele era anti-imperialista e ele respondeu: “Sim, eu sou. Eu não era há um ano atrás. Eu pensei que seria uma grande ideia dar liberdade aos filipinos. Mas eu acho que é melhor que eles a deem a si mesmos” (Twain, *apud* Kinzer, 2017, p. 179, tradução nossa).

periais americanos criticados por Twain. Hudson ([1973] 2003, p. 181, tradução nossa) observou que Keynes defendeu que a sua sede fosse em Nova York, ao invés de Washington, para evitar a influência “do Congresso [americano] e os sussurros nacionalistas da galeria de embaixadas e delegações”. Para Hudson, o Banco Mundial se tornou um agente de expansão de políticas americanas à revelia dos países que queria ajudar, promovendo apenas aumentos de produtividade em setores relevantes à indústria americana, em vez de revoluções agrícolas e industriais.

No fim, Hank viu seu sonho desmoronar. Ele parece ter esquecido que, na *Matéria de Bretanha*, a *Távola Redonda* termina após um caso entre Lancelot, seu mais talentoso espadachim, e a rainha Guinevere, mergulhando os cavaleiros em uma guerra civil. Arthur é ferido mortalmente por sua filha Mordred na *Batalha de Camlann*. E assim aconteceu. Sem um rei, a Igreja assume por meio de um interdito, desmontando o sistema de Hank. Os camponeses se voltam à Igreja porque ela pode providenciar um conforto espiritual melhor que a tecnologia (Dobski Jr.; Kleinerman, 2007).

A *Camelot Elétrica* tem seu último suspiro nas trincheiras da fortaleza de Hank, cuja carnificina prenuncia os horrores da Primeira Guerra Mundial. No fim, Hank tentou criar uma nova sociedade com uma religião científica (Gaiech, 2018), mas sua utopia é destruída pelos “aspectos mais sinistros da existência humana que ele acreditou incorretamente que seriam eliminados por sua tecnologia” (Lieberman, 2010, p. 67, tradução nossa). A magia de Merlin, insulto ao espírito científico de Hank, é real e vence no final.

Como paralelo com os economistas visitantes, Hirschman viu horrorizado a Guerra Civil Nigeriana (1967-1970), pois estava ligada ao terminal ferroviário de Bornu, um projeto avaliado por ele poucos anos antes. Ele confessou que “os economistas precisavam encarar as consequências não intencionais de seu pensamento; eles não podiam ignorá-las como os resultados de forças externas além do seu controle” (Adelman, 2013, p. 422, tradução nossa). Por mais que tente, a teoria econômica não pode controlar as paixões humanas, assim como as invenções de Hank não controlaram as paixões dos ingleses (Dobski Jr.; Kleinerman, 2007). Existe a ironia de Condorcet ter escrito aquelas palavras sobre o trazer o Iluminismo aos povos não europeus ocidentais logo antes de ser executado na Revolução Francesa. Por isso, Bianchi (2011) pondera se Hirschman estava fazendo algum tipo de projeção ao criticar economistas visitantes por falhas pelas quais ele temia ser culpado. Apenas estar ciente de limites e falhas não é suficiente para evitá-las.

4. Conclusão: o legado da Camelot Elétrica

Uma forma de determinar a qualidade de um escritor é verificar o quanto sua obra resiste ao tempo. *Yankee* conseguiu capturar o momento da Era Dourada nos Estados Unidos e ressoa até hoje. Isso também inclui sua economia. O conto trágico de Hank Morgan serve para explorar, dentro dos limites da ficção, tanto as falhas de mercado – o empreendedor se torna “demônico” e quebra o mercado por meio de seu acúmulo de poder e destrói a si mesmo – quanto falhas de governo – problemas de economia política da ajuda internacional – e as contradições do desenvolvimento.

Hank se acimatou a Camelot, a ponto de a pior coisa que aconteceu a ele foi ter sido enviado para casa (Entzminger, 2007). “*Yankee go home*” não é apenas um grito de protesto, mas uma punição de Hank. Apesar de tudo, Hank deixou um certo legado, pois foi a forma de Mark Twain mostrar Camelot como uma era dourada.

O choque cultural da Camelot Elétrica é um exercício de como as pessoas pensam diferente. O erro de Hank foi desprezar os direitos individuais dos ingleses, apesar de suas boas intenções – nós nunca saberemos quais eram os nomes reais de Clarence e Sandy, por exemplos, pois esses são os nomes que Hank atribuiu a eles. A tecnologia progrediu bastante, mas as paixões humanas mudaram? A tragédia de Hank serve como alerta para esses problemas. Economistas visitantes ainda continuarão indo para outros países. Por isso, *Yankee* é uma obra que merece ser lida não só pelos apreciadores de Mark Twain, mas pelos interessados no desenvolvimento econômico e suas contradições.

Referências

ADELMAN, J. *Worldly philosopher: the odyssey of Albert O. Hirschman*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

ALACEVICH, M. The World Bank and the politics of productivity: the debate on economic growth, poverty, and living standards in the 1950s. *Journal of Global History*, v. 6, n. 1, p. 53-74, 2011.

ÁLVAREZ, A.; GUIOT-ISAAC, A. M.; HURTADO, J. The quarrel of policy advisers that became development experts: Currie and Hirschman in Colombia. *History of Political Economy*, v. 52, n. 2, p. 275-306, 2020.

BIANCHI, A. M. Visiting-economists through Hirschman's eyes. *European Journal of the History of Economic Thought*, v. 18, n. 2, p. 217-242, 2011.

BRANTLINGER, P. Kipling's "The White Man's Burden" and its alternatives. *English Literature in Transition, 1880-1920*, v. 50, n. 2, p. 172-191, 2007.

COSTA, D. L. Health and the economy in the United States from 1750 to the present. *Journal of Economic Literature*, v. 53, n. 3, p. 503-570, p. 503-570, 2015.

DAVIS, J. H. Cowboys and Indians in King Arthur's Court: Hank Morgan's version of Manifest Destiny in Mark Twain's "Connecticut Yankee". *Mark Twain Annual*, n. 5, p. 83-92, 2007.

DOBSKI JR., B. J.; KLEINERMAN, B. A. "We should see certain things yet, let us hope and believe": technology, sex, and politics in Mark Twain's Connecticut Yankee. *Review of Politics*, v. 69, p. 599-624, 2007.

EASTERLY, W. *The elusive quest for growth: economists' adventures and misadventures in the tropics*. Cambridge: MIT Press, 2001.

EASTERLY, W. *The tyranny of experts: economists, dictators, and the forgotten rights of the poor*. New York: Basic Books, 2014.

EASTERLY, W. *The white man's burden: why the West's effort to aid the rest have done so much ill and so little good*. New York: Penguin, 2006.

ENTZMINGER, B. Fin de siècle anxieties and cave endings: Mark Twain's A Connecticut Yankee in King Arthur's Court and Sam Raimi's Army of Darkness. *Mark Twain Journal*, v. 55, n. 1-2, p. 100-112, 2017.

FIENBERG, L. Twain's Connecticut Yankee: the entrepreneur as a daimonic hero. *Modern Fiction Studies*, v. 28, n. 2, p. 155-167, 1982.

FLANDREAU, M. *Money doctors. The experience of international financial advising, 1850-2000*. London: Routledge, 2003.

FURTADO, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

GAIECH, R. F. Science as text, text as science: a reading of Mark Twain's Connecticut Yankee in King Arthur's Court. *Journal of Arts and Humanities*, v. 8, n. 2, p. 35-44, 2018.

GRAPARD, U.; HEWITSON, G. *Robinson Crusoe's economic man: a construction and deconstruction*. London: Routledge, 2011.

HASTY, W. Revolutions and final solutions: on Enlightenment and its dialectic in Mark Twain's A Connecticut Yankee in King Arthur's Court. *Arthuriana*, v. 24, n. 2, p. 21-42, 2014.

HIRSCHMAN, A. *Journey towards progress: studies of economic policymaking in Latin America*. New York: Anchor Books, 1965. Disponível em <<https://archive.org/details/journeystowardpr00hirs/page/n5/mode/2up>>. Acesso em 1º julho 2021.

HIRSCHMAN, A. Review: Accelerating development: the necessity and the means by Laughlin Currie. *American Economic Review*, v. 57, n. 3, p. 611-613, 1967.

HIRSCHMAN, A. (1967). *Development projects observed*. Washington: Brookings, 2015.

HIRSCHMAN, A. A dissenter's confession: "The Strategy of Economic Development" revisited". MEIER, G. M.; SEERS, D. (Org.). *Pioneers in development*. London: Oxford University Press, p. 87-111, 1984.

HUDSON, M. (1973). *Super Imperialism: the origin and fundamentals of U.S. world dominance*. London: Pluto Press, 2003.

INGHAM, B.; MOSLEY, P. *Sir Arthur Lewis: a biography*. London: Palgrave, 2013.

JOHNSON, J. A. A Connecticut Yankee in Saddam's Court: Mark Twain on benevolent imperialism. *Perspectives on Politics*, v. 5, n. 1, p. 49-61, 2007.

JUAREZ-GARCIA, M. I. The moral incompetence of anti-corruption experts. *Res Publica*, v. 27, p. 537-557, 2021.

KAPLAN, F. *The singular Mark Twain*. New York: Anchor Books, 2003.

KEHLENBACH, S. "I am an American": the political consequences of Hank Morgan's lack of identity. *Mark Twain Journal*, v. 52, n. 2, p. 92-111, 2014.

KIM, B. E. Ethics in Mark Twain's Connecticut Yankee. *Orbis Litterarum*, v. 61, n. 2, p. 133-159, 2006.

KINZER, S. *The true flag*. Theodore Roosevelt, Mark Twain, and the birth of the American empire. New York: Henry Holt, 2017.

KRAVITZ, B. The *ubermensch* in the attic: the Connecticut Yankee and Hank Morgan's Nietzschean "will to power". *Papers on Language and Literature*, v. 46, n. 1, 2010. Disponível em <<https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE|A220470184&v=2.1&it=r&sid=AONE&asid=e0e125b8>>. Acesso em 24 maio 2021.

LEPENIES, P. Accounting for the visiting economist syndrome: reflections on the emergence of a prevalent phenomenon. *International Journal of Social Economics*, v. 42, n. 12, p. 1214-1226, 2015.

LIEBERMAN, J. L. Hank Morgan's power play: electrical networks in King Arthur's court. *Mark Twain Annual*, n. 8, p. 61-75, 2010.

MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. *Revista de Cultura Teológica*, v. 15, n. 60, p. 155-176, 2007.

MORGAN, M. "On a mission" with mutable mobiles. *Working papers on the nature of evidence: how well do "facts" travel?*, n. 34/08, 2008.

MOURA, F. K. O rei Artur através dos séculos: uma trajetória das lendas arturianas. *Entrelaces*, v. 1, n. 10, p. 22-34, 2017.

POETTINGER, M. An actor of change: the entrepreneur of Fritz Redlich. ANNUAL ESHET CONFERENCE, 22, 2018. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2018.

PYLE, H. *Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

REDLICH, F. (1953). The business leader as a “daimonic” figure. In: REDLICH, F. (Org.). *Steeped in two cultures: a selection of essays*. New York: Harper, p. 33-64, 1971. Disponível em <<https://archive.org/details/steepedintwocult0000redl>>. Acesso em 13 fevereiro 2022.

ROYAL, D. P. Eruptions of performance: Hank Morgan and the business of politics. *Midwest Quarterly*, v. 45, n. 1, p. 11-30, 2003.

SANDILANDS, R. Albert Hirschman, Lauchlin Currie, la teoría de los “eslabonamientos” y el “gran impulse” de Paul Rosenstein-Rodan. *Revista de Economía Institucional*, v. 20, n. 39, p. 53-68, 2018.

SCAHILL, E. M. A Connecticut Yankee in Estonia. *Journal of Economic Education*, v. 29, n. 4, p. 340-346, 1998.

SCHUMPETER, J. A. (1934). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEERS, D. Why visiting economists fail. *Journal of Political Economy*, v. 70, n. 4, p. 325-338, 1962.

SEYBOLD, M. The neoclassical Twain and the zombie economics of Col. Sellers. *Mark Twain Annual*, v. 13, n. 1, p. 78-90, 2015.

SLOBODIAN, Q. *Globalists: the end of empire and the birth of neoliberalism*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

TOYE, J.; TOYE, R. How the UN moved from full employment to economic development. *Commonwealth & Comparative Politics*, v. 44, n. 1, p.16-40, 2006.

TWAIN, M. *A Connecticut yankee in King Arthur's court*. New York: Charles Webster, 1889. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/86/86-h/86-h.htm>>. Acesso em 1º fevereiro 2021.

- TWAIN, M. (1889). *Um ianque na corte do rei*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- TWAIN, M. (1901). Para aquele que vive nas trevas. In: TWAIN, M.; BETTI, M. S. (Org.). *Patriotas e traidores: anti-imperialismo, política e crítica social*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 64-83, 2003.
- TWAIN, M.; CABRAL, R. E. *Um ianque na corte do rei Arthur*. São Paulo: Rideel, 2011.
- TWAIN, M.; WARNER, C. D. *The gilded age: a tale of today*. 1873. Disponível em <https://gutenberg.org/files/3178/3178-h/3178-h.htm>. Acesso em 14 fevereiro 2021.
- VAN BELLE, J. J. Mark Twain: economic historian. *Challenge*, v. 19, n. 3, p. 55-57, 1976.
- WANDLER, S. Hogs, not maidens: the ambivalent imperialism of *A Connecticut yankee in King Arthur's court*. *Arizona Quarterly*, v. 66, n. 4, p. 33-52, 2010.
- WHITE, R. *The Republic for which it stands: the United States during reconstruction and the Gilded Age, 1865-1896*. London: Oxford University Press, 2017.
- WONHAM, H. B. "Paying the shot": Hank Morgan's miller-gun and monetary policy in Camelot. *Mark Twain Annual*, v. 15, p. 38-59, 2017.